

Celebridade: dispositivo interacional crítico?¹

Celebrity: a critical interactive device?

*Paula Guimarães Simões*²

1 Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – 001, à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig) e à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (PRPq/UFMG) pelo apoio ao desenvolvimento de minhas pesquisas.

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG) e Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (Gris). Atualmente, professora visitante na Universidade da Califórnia, Irvine (UCI). E-mail: paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br.

Resumo

O objetivo deste texto é discutir a possibilidade de refletir sobre as celebridades como um dispositivo interacional crítico. Partimos da ideia de que os sujeitos célebres podem ser pensados como sujeitos políticos que atuam no contexto social, revelando valores de uma sociedade e seus problemas públicos. A análise se volta para a postura assumida por Fernanda Lima no programa *Amor & Sexo*, destacando eixos temáticos a partir dos quais podemos apreender os posicionamentos desta celebridade: machismo e misoginia, racismo, LGBTfobia. A análise mostra como a apresentadora se constitui como um dispositivo interacional crítico e pode atuar no fomento a lutas emancipatórias e na reconstrução de *gramáticas morais* capazes de atuar na promoção da justiça.

Palavras-chave

Celebridade, dispositivo interacional crítico, reconhecimento, Fernanda Lima.

Abstract

The purpose of this paper is to discuss the possibility of reflecting on celebrities as a critical interactive device. We start from the idea that famous people can be thought as political subjects that act in the social context, revealing values of a society and its public problems. The analysis turns to the position taken by Fernanda Lima in her TV program *Amor & Sexo* (*Love & Sex*, in Portuguese), highlighting the thematic axes from which we can grasp the positions of this celebrity: misogyny, racism, homophobia, and LGBTphobia. The analysis shows how Fernanda Lima constitutes as a critical interactive device and can act in the promotion of emancipatory struggles and in the reconstruction of *moral grammars* capable of acting in the promotion of justice.

Keywords

Celebrity, critical interactive device, recognition, Fernanda Lima.

Celebridades ocupam o cenário de visibilidade contemporâneo suscitando admiração, crítica ou mesmo repulsa de sujeitos que se posicionam em relação a suas ações, performances e posturas sociais e políticas. Como refletir sobre elas? Qual o papel que podem desempenhar no contexto social e político hodierno? Em que medida elas podem ser pensadas como um *espaço* para crítica e reconhecimento em uma sociedade?

Este artigo procura discutir essas questões, partindo da temática proposta pelo 3º Simpósio de Crítica de Mídia, realizado na PUC-Minas em maio de 2019: *Crítica e Reconhecimento: como articular?* Essa temática se colocou como um desafio para mim. Sem trabalhar diretamente com as lutas por reconhecimento ou com a questão da crítica midiática, como poderia articular crítica e reconhecimento? Para tentar responder a essa questão, propus certo deslocamento para refletir sobre os modos como as celebridades que povoam diferentes programas na mídia podem funcionar como dispositivos críticos e, com isso, atuar no fomento à autorrealização humana, às lutas sociais e à promoção da justiça – fundamentais nas chamadas lutas por reconhecimento. Nesse sentido, parto do conceito de *dispositivo interacional crítico* para refletir sobre o lugar das celebridades na cena pública; a partir disso, analiso a atuação de Fernanda Lima em uma edição do programa da Rede Globo *Amor e Sexo*, para chegar, então, à articulação entre crítica e reconhecimento.

Dipositivo interacional crítico

O conceito de *dispositivo interacional* vem sendo trabalhado por José Luiz Braga em diferentes textos (2006, 2011, 2018). Em “O conhecimento comunicacional: entre a essência e o episódio” (2018), o autor defende que é preciso desenvolver o que ele chama de *teorias intermediárias* na produção de conhecimento em comunicação, a fim de evitar a dispersão que marca as pesquisas no campo. O objetivo é, segundo ele, “buscar uma visada de nível intermediário entre as duas posições, a da proposição de essências e a de se fixar nos episódios e aspectos singulares” (BRAGA, 2018, p. 129).

Segundo Braga, as teorias intermediárias

são teorias sem pretensão de fundamentarem o campo de conhecimento ou de buscar a essência conceitual da comunicação, mas elaboradas como perguntas e hipóteses decorrentes de um conjunto específico, embora diversificado, de observações empíricas, buscando aí organizar características e perceber processos. (BRAGA, 2018, p. 130)

Destacando que procura “articular episódios e aspectos em uma reflexão heurística”, ele situa a sua perspectiva sobre os dispositivos interacionais como uma dessas teorias intermediárias, desenvolvida com o objetivo de desentranhar perspectivas propriamente comunicacionais. Os dispositivos interacionais são, assim, definidos como “sistemas de relações que viabilizam a interação, gerando compartilhamento de códigos e táticas inferenciais” (BRAGA, 2018, p. 131). Ou seja, reconhecemos um dispositivo social e culturalmente através das lógicas que são oferecidas por ele – identificamos uma aula, uma palestra ou uma conversa na mesa de bar como diferentes episódios interacionais. Além disso, o dispositivo produz modos e táticas capazes de “adequar as regras àquilo que seja a tentativa específica em ação” (p. 132).

Sem aprofundar na proposta de Braga sobre o desenvolvimento das teorias intermediárias – meu objetivo aqui é mais modesto –, me interessa retomar essa ideia de dispositivo interacional como esse *sistema de relações que viabilizam a interação* e, portanto, como lugar privilegiado de análise de um fenômeno comunicacional.

E em que consistiria um *dispositivo interacional crítico*? É preciso refletir aqui sobre o próprio sentido de crítica. Recorremos ainda a Braga (2006) e sua reflexão sobre os dispositivos sociais de crítica midiática. Para o autor, um processo interacional é crítico quando “tensiona processos e produtos midiáticos, gerando dinâmicas de mudança” e “exerce um trabalho analítico-interpretativo, gerando esclarecimento e percepção ampliada” (BRAGA, 2006, p. 46).

Conjugando os dois eixos, podemos pensar que um dispositivo interacional crítico é um *sistema de relações* (BRAGA, 2018) capaz de promover análises e interpretações acerca de determinadas temáticas e acontecimentos, além de

provocar *tensionamentos* (BRAGA, 2006). É nesse sentido, então, que podemos discutir a potencialidade de uma celebridade constituir-se como um dispositivo interacional crítico, ou seja, como um sistema de relações específico, capaz de promover a crítica da própria sociedade em que se inscreve. Antes de chegar a essa proposta, é preciso retomar, ainda que brevemente, o modo como as celebridades vêm sendo estudadas.

A celebridade, a crítica e a constituição de um sujeito político

As celebridades podem ser estudadas de muitas maneiras, com diferentes enfoques e objetivos diversos. Há uma boa sistematização dos chamados *Celebrity Studies* nas últimas décadas em diferentes textos (FRANÇA; SIMÕES, 2019; LANA, 2012; SIMÕES, 2012). Cabe retomar aqui alguns dos principais eixos que marcam essas pesquisas, no intuito de chegar ao tipo de abordagem que é proposta neste trabalho.

Se considerarmos 1944, com a publicação de *The triumph of mass idols*, por Leo Lowenthal (1984), o marco inicial para o que posteriormente ficará conhecido como *Celebrity Studies*, são mais de sete décadas de reflexões acerca da temática – ainda que intermitente, tendo em vista o lugar de pouco prestígio desse objeto no campo científico até hoje. Lowenthal inaugura um tipo de abordagem bastante crítica dos famosos na vida social, identificando o modo como os ídolos da produção (como políticos e empresários) cederam espaço para os ídolos do consumo (como os profissionais do entretenimento). Ele mostra, assim, como celebridades do “lado sério” da vida pública foram substituídas por celebridades do mundo do entretenimento barato e massivo.

Esse tipo de perspectiva vinculada à Teoria Crítica é nomeado por Rojek (2008, p. 37) de *estruturalismo* e considera que

as celebridades são conceitualizadas como um dos meios com os quais o capitalismo alcança os seus fins de subjugar e explorar as massas. [...] Essa identificação das massas com as celebridades é sempre falsa, visto que celebridades não são consideradas reflexos da realidade, mas invenções planejadas para realçar o domínio do capital.

As celebridades são, assim, vistas como mercadorias a serviço do capitalismo e dispostas para o consumo das massas. Essa ênfase pode ser encontrada também no trabalho de Daniel Boorstin, publicado em 1992. O autor pensa a celebridade como um *pseudoacontecimento* humano: uma personalidade desprovida de méritos e qualidades, produzida com o objetivo de ganhar visibilidade, ser consumida e, portanto, gerar lucro.

O processo de mercadorização das celebridades é evidenciado por um conjunto de outros autores (MARSHALL, 2006; ROJEK, 2008; TURNER, 2014), os quais, no entanto, procuram complexificar o fenômeno, atentando para outros elementos.

Marshall (2006) associa os novos ídolos do entretenimento com valores democráticos e capitalistas, mas procura analisar de forma específica celebridades provenientes de diferentes esferas do entretenimento (cinema, TV, música popular). Suas análises exibem o modo como os diferentes aparatos da indústria cultural constroem celebridades que “personificam tipos particulares de ‘subjetividade das audiências’ e assim alojam a formação do poder afetivo na cultura contemporânea” (MARSHALL, 2006, p. xiii). Dotadas de um certo *poder discursivo*, as celebridades emergem como “uma voz acima das outras” e despertam diferentes tipos de identificação.

Nas reflexões de Turner (2014), a análise da indústria que produz essas celebridades-texto é conjugada à discussão sobre os processos que estruturam seu consumo. O autor situa o fenômeno na cultura popular e reivindica que os intelectuais dos Estudos Culturais e dos Estudos de Mídia precisam reconhecer a necessidade de encarar o fenômeno seriamente (TURNER, 2014, p. 144). Na abordagem desenvolvida por Rojek (2008), também identificamos uma ênfase na mercadorização das celebridades, mas o autor considera que “celebridades humanizam o processo de consumo de mercadorias. A cultura da celebridade tem aflorado como um mecanismo central na estruturação do mercado de sentimentos humanos” (p. 17).

A abordagem intertextual das estrelas proposta por Dyer (1998) – muito bem apropriada e discutida por Serelle (2019) – procura trazer uma maior

complexidade para o estudo das celebridades. Dyer atenta para a totalidade complexa que configura a imagem de uma estrela, sendo constituída a partir de múltiplos sentidos articulados em diferentes dispositivos em um contexto espaço-temporal ampliado. Trata-se de uma imagem multimídia e intertextual, construída a partir de textos diversos. Em sua leitura da abordagem metodológica oferecida por Dyer, Serelle destaca que a conjugação da análise de textos fílmicos e extrafílmicos permite “vislumbrar passagens de mão dupla entre mundos ficcionais e a sociedade” (DYER, 2004, p. 3). Analisando um depoimento do ator Lázaro Ramos em sua autobiografia, o autor destaca que

as implicações éticas das representações cinematográficas no cotidiano e como os tipos e estereótipos vividos (ou recusados) em narrativas ficcionais podem estar articulados a uma atitude política da celebridade fora das telas, expressa em conjuntos diversos de textos midiáticos. No nosso momento, em que as políticas do reconhecimento se tornam um paradigma central das lutas sociais, a análise intertextual permite acessar e refletir sobre dois dos aspectos centrais dessas reivindicações: o direito à fabulação e à representação consideradas mais dignas nas narrativas ficcionais e a representatividade, referente à paridade participativa nas economias da cultura. Portanto, para além da celebridade como marca, o método permite-nos analisá-la como sujeito político. (SERELLE, 2019, p. 10-11)

Essa visada sobre a celebridade como um *sujeito político* está em sintonia com a ideia defendida neste texto – e com o modo como estamos buscando consolidar um olhar sobre a celebridade nas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas em nosso grupo de pesquisa³. Refletir sobre o modo como as celebridades podem funcionar como um *dispositivo interacional crítico* significa pensar sobre o lugar social e político que elas ocupam no cenário contemporâneo e sobre sua capacidade de fomentar discussões acerca de diferentes temáticas na sociedade, em um movimento que participa de lutas por reconhecimento e, de forma mais ampla, de lutas por justiça na sociedade contemporânea.

3 No Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (Gris/UFMG), temos desenvolvido e orientado inúmeras pesquisas (na graduação e na pós-graduação) em torno das figuras públicas e sua inserção na sociedade contemporânea.

Para avaliar o potencial heurístico dessa abordagem, meu olhar incide agora sobre uma celebridade brasileira específica: a apresentadora Fernanda Lima e sua atuação no programa da Rede Globo *Amor & Sexo*.

Análise

Fernanda Lima é jornalista, apresentadora, atriz e modelo. Nasceu em 25 de junho de 1977, em Porto Alegre, e é casada com o também ator, modelo e apresentador Rodrigo Hilbert, com quem tem dois filhos (gêmeos) e espera uma filha. Ela conta com cerca de 3,9 milhões de seguidores no Instagram; 1,6 milhões no Facebook; e 270 mil no Twitter⁴. Tais números mostram uma presença marcante dessa celebridade no cenário de visibilidade contemporâneo. Sua atuação despertou ainda mais admiração e críticas quando Fernanda aderiu ao movimento #EleNão, movimento de mulheres, criado em 2018, em oposição à candidatura do então candidato à presidência da República do Brasil Jair Bolsonaro.

Ela é apresentadora do programa *Amor & Sexo* desde a estreia, em 2009. O programa teve onze temporadas, sendo a última em 2018 (com dez episódios exibidos às terças-feiras). Neste texto, analiso o episódio exibido no dia 11 de novembro de 2018 (AMOR..., 2018), em que foi feito um resgate dos melhores momentos da temporada. Seguindo a metodologia que temos desenvolvido no grupo de pesquisa, a análise se volta para a *ação* de Fernanda Lima, suas posturas e posicionamentos no referido episódio.

Para além dos quadros que tratam da temática orientadora do programa – o amor e o sexo – o programa trata de diferentes questões que dizem respeito ao contexto social brasileiro e que podem nos ajudar a compreender não apenas o programa, mas a própria celebridade como um dispositivo interacional crítico ou um sujeito político – objetivo deste texto. No episódio analisado, a postura

4 Dados coletados em 18 de julho de 2019.

de Fernanda Lima se destaca em três eixos temáticos, que revelam *problemas públicos*⁵ em nossa sociedade: 1) machismo e misoginia; 2) racismo; LGBTfobia.

A temporada foi caracterizada pelos jurados como revolucionária, corajosa, essencial. Pela síntese que apresenta os melhores momentos do programa ao longo do ano, podemos perceber o modo como o programa, a própria Fernanda Lima e os jurados e convidados assumiram essas e outras pautas urgentes no contexto brasileiro contemporâneo. Ao tematizar o machismo e a misoginia, Fernanda denuncia o patriarcado, que pode ser entendido aqui, conforme Biroli (2018), como “um complexo heterogêneo, mas estruturado, de padrões que implicam desvantagens para as mulheres e permitem aos homens dispor do corpo, do tempo, da energia de trabalho e da energia criativa destas. É ativado de forma concreta, nas instituições e nas relações cotidianas” (BIROLI, 2018, p. 11). Ao mesmo tempo em que denuncia as opressões de homens sobre as mulheres, Fernanda se posiciona e situa o programa como feministas: “Amor & Sexo é feminista sim!”; “Aqui a gente acredita na igualdade entre homens e mulheres; pra quem ainda não sabe, gente, isso é o feminismo. Simples assim.” (AMOR..., 2018)

A apresentadora ressalta que o programa é “contra o machismo e não contra os homens”, enfatizando a existência e a resistência das mulheres. Ela diz:

Hoje, nosso fogo já não pode mais ser apagado. Ele agora arde dentro da gente. Queima de dentro para fora. Nosso fogo é vida, é emoção, é tesão. Nosso fogo apavora, nosso fogo transforma. Não vamos mais nos calar. Não vamos mais nos curvar. Não vamos mais nos separar. Vamos todas juntas lutar. (AMOR..., 2018)

Essa convocação para a luta feminina em busca de igualdade, de respeito, de liberdade está em sintonia com a convocação de várias outras mulheres, feministas, intelectuais que defendem (de muitas maneiras) as pautas dos movimentos feministas. Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 29) destacam em seu

5 Problema público é entendido como uma questão que suscita atenção e discussão na sociedade e demanda a ação do Estado para buscar soluções (cf. Dewey, 1954; Cefai, 2017).

manifesto uma “nova onda de ativismo feminista combativo”, capaz de impulsionar a construção de “um feminismo para os 99%”. Ou seja, um feminismo que possa atender para as existências plurais das mulheres, para a não homogeneidade do próprio movimento e de suas reivindicações.

A denúncia das opressões é reiterada pela fala de convidados e jurados ao longo do programa, como o filósofo Leandro Karnal (AMOR..., 2018), para quem a misoginia é “o preconceito mais antigo, mais estrutural e mais forte de todos os preconceitos criados pela espécie humana”. A fala de Djamila Ribeiro, também filósofa, destaca a dificuldade de muitas mulheres saírem de relações opressivas já que há mulheres que dependem econômica ou emocionalmente dos homens. Ela explica a ideia de sororidade, ou seja, a solidariedade entre mulheres, a criação de uma rede de solidariedade política pra enfrentar as opressões, e também a noção de dororidade: segundo Djamila Ribeiro (2018), esse é o termo que Vilma Piedade usa para falar da dor que as mulheres negras sentem por não se sentirem inseridas nos padrões de beleza impostos pela sociedade. Com isso, o programa discute o racismo estrutural da sociedade brasileira, além de trazer a pauta de um feminismo interseccional, que denuncia a sobreposição de opressões (de gênero, de raça, de classe)⁶.

A trajetória de Marielle Franco, uma mulher, negra, de periferia – que vivenciou, portanto, uma sobreposição de opressões – é lembrada por Fernanda:

A gente vai falar agora de uma mulher que se identificava como negra, lésbica, favelada e feminista. Era mãe, mulher, irmã. Era socióloga e mestre em administração pública. Era política e criadora, ao lado de outras mulheres, de um mundo melhor. Sua luta não morreu porque a luta de uma revolucionária nunca morre. E como ela mesmo dizia: nós não seremos interrompidas. A ciranda continua. Nossa luta está apenas começando. Preparem-se, porque essa revolução não tem volta! (AMOR..., 2018)

6 Essa sobreposição de opressões e o próprio desenvolvimento de vários tipos de feminismo são discutidos por várias autoras. Cf. Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019; Biroli, 2018; Hollanda, 2018; Ribeiro, 2018; Sarmento, 2018, entre outras.

Após a fala de Fernanda, familiares da vereadora brutalmente assassinada no Rio de Janeiro em 2018 erguem placas em que se lê “Marielle presente” (vale lembrar que o crime permanece sem resposta, mais de um ano após o assassinato).

A luta contra a LGBTfobia é outro tema que sobressai no discurso de Fernanda e do programa. A experiência pessoal da jornalista Milly Lacombe (AMOR..., 2018) é acionada para falar do papel social cumprido pelo programa em relação à representatividade lésbica: “Se eu tivesse crescido sabendo que pessoas como eu existiam, ia ter sido muito menos difícil, menos solitário, menos doído”. Ela destaca que o programa ajuda a mostrar que quem é doente é essa sociedade “que reprime, que exclui, que oprime e não quem é diferente”. A experiência do estilista Dudu Bertholini como homem gay também é resgatada para tematizar o *bullying* que meninos sensíveis (como ele foi) sofrem. E cenas de outros episódios em que as famílias falam da aceitação de filhos(as) gays, lésbicas e trans também são retomadas para denunciar a LGBTfobia. Depois de Pablo Vittar cantar *Somewhere over the Rainbow*, Fernanda Lima destaca:

Atrás do arco-íris, o sonho se fez bandeira, se fez armadura, se fez espada. Panfleto na mão, palavras de ordem, corpos livres, beijos na boca, mãos dadas, punhos cerrados. Os boots, as regatas, os shorts das meninas. Os caps, os boás, as lantejoulas dos meninos. Uma história de dor, humilhação e violência. Uma história de superação, celebração, aceitação e orgulho. Uma luta contra a morte, o ódio, o preconceito, a intolerância. Uma luta em nome do amor. Uma luta colorida. Porque é uma luta por quase todo mundo. Nessa luta cabe ela, ele, você e eu. Então, chama todo mundo. Porque não basta não ser LGBTfóbico é preciso ser anti-LGBTfobia. (AMOR..., 2018)

A apresentadora enfatiza que “*Amor & Sexo* acredita no amor seja como ele for!” (AMOR..., 2018). A defesa de todas as formas de amor é associada à defesa da diversidade de famílias brasileiras e reivindica o respeito a todas elas.

Vale destacar, para concluir essa análise dos eixos temáticos, o discurso final de Fernanda Lima na temporada:

Antes de dizer adeus, é preciso escutar as vozes que ainda ressoam nesse palco, vozes que um dia foram caladas e hoje levantam para reivindicar

igualdade, liberdade, diversidade, representatividade, sororidade, dororidade, empatia e respeito. Essas vozes não subtraem. Essas vozes reparam a injustiça causada pelo excesso de privilégios, pelo autoritarismo, pelo preconceito, pela ignorância, pela opressão. Essas vozes não vão se calar. Não podem se calar. Porque essas vozes bradam contra o racismo, contra o machismo, a LGBTfobia e o classismo. Ouçam essas vozes, Amor & Sexo acredita que só assim construiremos no presente uma sociedade melhor no futuro.

Fernanda Lima destaca, assim, a necessidade de escuta em nossa sociedade, de garantir que as pessoas tenham o direito não apenas de falar, mas também de ser ouvidas. Recuperando Dewey (1954), Mendonça (2013) atenta para esse direito de ser ouvido como essencial na construção da democracia. Ao reiterar esse direito, Fernanda Lima pode ser vista como defensora tanto da liberdade de falar e se expressar quanto da liberdade e do direito de se fazer ouvir. É nesse sentido que ela manifesta seu próprio *poder discursivo* como celebridade (MARSHALL, 2006), situando sua “voz acima das outras”, buscando se fazer ouvir e atuando na própria construção da democracia.

Para concluir

O objetivo deste texto foi pensar em que medida a celebridade pode ser considerada um dispositivo interacional crítico, um *sistema de relações que viabilizem a interação* e possam promover debates e tensionamentos acerca de determinadas questões. Ao olhar para Fernanda Lima, atentamos para as interações que ela estabelece no interior do próprio programa (com jurados e convidados), além das que procura estabelecer com seu público. Podemos dizer que essa celebridade procura tensionar diferentes questões, denunciando as opressões, defendendo a diversidade, a igualdade, a liberdade. Se ela mesma e o programa que comanda se assumem feministas, anti-LGBTfóbicos e antirracistas, ambos interpelam o público a assumir tais posicionamentos.

Para encerrar essa reflexão, é preciso sinalizar a articulação entre crítica e reconhecimento apontada na introdução – e que foi o tema do simpósio em que este

texto foi preliminarmente apresentado. Não conseguiria aqui fazer uma articulação mais aprofundada entre a reflexão proposta e a noção de reconhecimento. Como destacam Mendonça e Porto (2017, p. 146-147), já são mais de três décadas de “acalorados debates filosóficos e aplicações empíricas diversas” desse conceito, gerando “uma considerável massa crítica em torno da teoria do reconhecimento”. Em linhas gerais e partindo da apropriação que os autores fazem da abordagem clássica de Axel Honneth, entendemos que o reconhecimento

coloca a ideia de autorrealização no cerne da justiça (Honneth, 1995, 2003a, 2003b). Ele aponta que as lutas por reconhecimento, no sentido de conflitos voltados à construção de gramáticas morais mais propícias a fomentar a autorrealização humana, movem tanto as transformações sócio-históricas como as vidas dos sujeitos. Em Honneth (2003a), lutas por justiça são conflitos que buscam fundamentalmente deslocar gramáticas morais que balizam as interações sociais e os processos de construção de *selves*. Na condição de expoente da teoria crítica, Honneth discute a noção de reconhecimento como contendo caráter essencialmente emancipatório. Partindo do pressuposto de que a autorrealização é construída contextual e historicamente, Honneth defende que, na contemporaneidade, amor, direitos e estima se constituíram como domínios fundamentais da autorrealização. Isso quer dizer que vínculos afetivos fortes, direitos igualitários e a possibilidade de singularização são vistos como dimensões basilares do que significa ser humano e da vida em uma sociedade justa. Ainda de acordo com o filósofo de Frankfurt, o sentimento de indignação moral que, em certos contextos sociopolíticos, pode advir do desrespeito, impulsiona conflitos e lutas cotidianamente. Alguns desses conflitos podem se traduzir como pertinentes à coletividade, engendrando *semânticas coletivas*, e convertendo-se em lutas sociais. Essas lutas são a alma do processo de deslocamento e reconstrução de gramáticas morais, visto por Honneth como relevante à promoção da justiça. (MENDONÇA; PORTO, 2017, p. 147)

Nesse sentido, podemos situar a atuação de Fernanda Lima no programa *Amor & Sexo* como integrante de lutas contemporâneas por justiça e, assim, como participante da construção dessas *semânticas coletivas* decorrentes do sentimento de indignação moral. Essa celebridade não apenas manifesta a sua indignação em relação às opressões que denuncia (o machismo, a misoginia, o racismo, a LGBTfobia), como convoca seus públicos a aderirem a tais lutas. Podemos dizer que Fernanda Lima, como esse *sujeito político* (SERELLE, 2019) ou esse *dispositivo*

interacional crítico (BRAGA, 2006, 2018), tem um papel importante na cena pública contemporânea e pode contribuir no deslocamento e na reconstrução das *gramáticas morais* vistas por Honneth como centrais na promoção da justiça.

Refletir sobre as celebridades dessa forma não exclui a consideração sobre os processos de consumo que engendra na sociedade capitalista; tampouco enaltece de forma acrítica as atitudes da celebridade ou do programa protagonizado por ela; ou defende que a celebridade pode responder sozinha por essas transformações das *gramáticas morais* de uma sociedade. A abordagem proposta situa a celebridade como “sintoma” de uma sociedade – como discutimos em outros textos (FRANÇA; SIMÕES, 2018, 2019) –, dando a ver os conflitos e os tensionamentos existentes em seu quadro de valores. E, ao encarnar tais lutas sociais – a favor da igualdade, da liberdade, da diversidade, contra as opressões –, a celebridade reitera seu papel de sujeito político, convocando outros sujeitos a se engajarem nas lutas emancipatórias urgentes que marcam o contexto contemporâneo.

Referências

AMOR & sexo: programa de 11/12/2018. Direção de Adriano Coelho e Daniela Gleiser. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/30FELa8>. Acesso em: 4 out. 2019.

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. São Paulo: Boitempo, 2019.

BIROLI, F. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOORSTIN, D. *The image: a guide to pseudo-events in America*. Nova Iorque: Vintage, 1992.

BRAGA, J. L. *A sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, J. L. Dispositivos Interacionais. *In: GT EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO, 20., 2011, Porto Alegre. Anais [...]*. Porto Alegre: Compós, UFRGS, 2011. p. 1-15.

BRAGA, J. L. O conhecimento comunicacional entre a essência e o episódio. *In: FRANÇA, V. R. V.; SIMÕES, P. G. (org.) O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 119-137.

CEFAÏ, D. Públicos, problemas públicos, arenas públicas... O que nos ensina o pragmatismo (parte 1). *Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 129-142, 2017.*

DEWEY, J. *The public and its problems*. Chicago: The Swallow, 1954.

DYER, R. *Heavenly bodies: film stars and society*. 2. ed. Nova Iorque: Routledge, 2004.

DYER, R. *Stars*. Londres: British Film Institute, 1998.

FRANÇA, V. R. V.; SIMÕES, P. G. Celebridades, Acontecimentos e Valores na Sociedade Contemporânea. *In: GT COMUNICAÇÃO E SOCIABILIDADE, 27., 2018, Belo Horizonte. Anais [...]*. Belo Horizonte: Compós, PUC-MG, 2018. p. 1-22.

FRANÇA, V. R. V.; SIMÕES, P. G. Perfis, atuação e formas de inserção dos famosos. *In: ENCONTRO DA REDE INTERINSTITUCIONAL DE ACONTECIMENTOS E FIGURAS PÚBLICAS, 2., 2019, Belo Horizonte. Anais [...]*. Belo Horizonte: UFMG, 2019, p. 1-24. Mimeografado.

HOLLANDA, H. B. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

LANA, L. *Personagens públicas na mídia, personagens públicas em nós: experiências contemporâneas nas trajetórias de Gisele Bündchen e Luciana Gimenez*. 2012. 284 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LOWENTHAL, L. The triumph of mass idols. In: LOWENTHAL, L. *Literature and mass culture: communication in society*. New Jersey: Transaction Publishers, 1984. p. 203-236. v.1.

MARSHALL, P. D. *Celebrity and power: fame in contemporary culture*. 5. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

MENDONÇA, R. F. A liberdade de expressão em uma chave não dualista: as contribuições de John Dewey. In: LIMA, V. A.; GUIMARÃES, J. (org.). *Liberdade de expressão: as várias faces de um desafio*. São Paulo: Paulus, 2013. v. 1, p. 41-63.

MENDONÇA, R. F.; PORTO, N. F. F. Reconhecimento ideológico: uma reinterpretação do legado de Gilberto Freyre sob a ótica da teoria do reconhecimento. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 1, p. 145-172, 2017.

RIBEIRO, D. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Cia das Letras, 2018.

ROJEK, C. *Celebridade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SARMENTO, R. Estudos feministas de mídia e política: uma visão geral. *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 87, p. 181-202, 2018.

SERELLE, M. V. A abordagem intertextual no estudo de celebridades: aspectos teórico-metodológicos. *In: ENCONTRO DA REDE INTERINSTITUCIONAL DE ACONTECIMENTOS E FIGURAS PÚBLICAS, 2., 2019, Belo Horizonte. Anais [...].* Belo Horizonte: UFMG, 2019. p. 1-11. Mimeografado.

SIMÕES, P. G. *O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo.* 2012. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

TURNER, G. *Understanding Celebrity.* 2. ed. Los Angeles: Sage, 2014.

submetido em: 18 jul. 2019 | aprovado em: 7 set. 2019